

Gênero e trabalho na construção civil¹

RESUMO

Manuela Rocha

E-mail: manuelaagrocha@gmail.com
Universidade Estadual de
Campinas, Campinas, SP, Brasil

Leda Gitahy

E-mail: leda@unicamp.br
Universidade Estadual de
Campinas, Campinas, SP, Brasil

Esse artigo discute as relações entre gênero e trabalho na construção civil, por meio da comparação de estudos empíricos nacionais e internacionais. Observamos as características dessas relações em vários países (Reino Unido, Espanha, Escócia, Estados Unidos, Índia, Tailândia, Bangladesh, Turquia, Austrália, Peru e Nigéria) e no Brasil. A pesquisa demonstra a hierarquização e separação das tarefas, com a concentração de mulheres em funções que requerem atributos “femininos”, como a limpeza, os acabamentos e as atividades administrativas. A hierarquização foi observada por meio da desvalorização do trabalho feminino no âmbito técnico e socioeconômico. No caso do Brasil, as transformações evidenciam o aumento da participação de mulheres no setor, tendências de melhora na desigualdade salarial e o papel da construção na promoção da autonomia feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Trabalho; Divisão sexual do trabalho; Construção civil.

INTRODUÇÃO

As mulheres aumentaram a participação no emprego formal da construção civil no Brasil, entre os anos 2000 e 2020. No ano 2000, elas agregaram 7,6% do total de trabalhadores(as) no setor. Esse percentual alcançou 10% em 2017, passando para 9,7% em 2020 (RAIS, 2020).²

Em 2008 e em 2013, foram lançados os Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres II e III, que tinham como prioridade ampliar o acesso das mulheres no mercado de trabalho em profissões historicamente ocupadas por homens. Neste período, foram firmados uma série de projetos com o intuito de promover a qualificação profissional de mulheres para a construção civil. Além disso, os programas de apoio governamental, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), criado em 2007, e o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), criado em 2009, impulsionaram o crescimento do setor e o aumento da absorção de mão de obra, inclusive feminina.

Daniele Kergoat (2000) conceitua a divisão sexual do trabalho por meio de dois princípios: o princípio da separação, no qual existem tarefas que são classificadas como femininas e outras que são classificadas como masculinas; e o princípio da hierarquização, no qual o trabalho do homem possui mais valor que o trabalho da mulher. As atividades “femininas” estão relacionadas com a esfera reprodutiva, ao passo que os homens ocupam majoritariamente as atividades de maior prestígio social, como as ocupações religiosas, políticas e militares.

Essa divisão produz desigualdades e diferenciações no mercado de trabalho e influencia no acesso ao emprego e nas condições de trabalho. As atividades da construção civil são predominantemente ocupadas por homens e a ampliação da participação das mulheres nesses espaços, chama atenção para suas implicações nas relações entre gênero e trabalho. É necessário analisar as condições em que as mulheres são inseridas no setor e nos canteiros de obra.

As buscas foram feitas no Google Acadêmico, Scopus e Web of Science. Em inglês, as palavras-chave utilizadas foram: woman(en) and construction industry or construction sites; gender and construction sites. Em português, as palavras-chave utilizadas foram: mulher(res) e construção civil ou canteiro de obras; gênero e construção civil ou canteiro de obras. A seleção priorizou pesquisas empíricas que abordassem mulheres atuantes na construção civil e nos canteiros de obra, em diferentes países. Os estudos são datados de 1999 a 2019. As pesquisas internacionais foram realizadas no Reino Unido, Escócia, Espanha, Estados Unidos, Índia, Tailândia, Bangladesh, Turquia, Austrália, Peru e Nigéria.

GÊNERO E TRABALHO

Os princípios da divisão sexual do trabalho – hierarquização e separação – são aplicados devido aos sistemas de legitimação, que relegam características de gênero (como racionalidade, força, emoção, fragilidade, delicadeza e agressividade) ao sexo biológico. Assim, as práticas sociais são limitadas aos papéis sociais sexuais (KERGOAT, 2000). Nesse sentido, os papéis sociais classificados como femininos derivam da esfera reprodutiva, cujas funções são atribuídas quase exclusivamente às mulheres.

Helena Hirata (1995) analisou as similaridades da divisão sexual do trabalho em multinacionais instaladas no Brasil, na França e no Japão. A autora observou que, nos três países estudados, a maior parte do trabalho manual e repetitivo era atribuído às mulheres, ao passo que os trabalhos que necessitavam de conhecimentos técnicos eram atribuídos preferencialmente aos homens. As qualidades femininas eram reconhecidas pela gerência das empresas, como a minúcia, paciência e destreza. No entanto, essas qualidades não eram traduzidas em qualificações profissionais, ao contrário do que acontecia com os homens.

No estudo feito em uma empresa de construção elétrica de São Paulo, Hirata e Kergoat (2017) concluíram que as habilidades requeridas aos homens e às mulheres eram distintas. Aos homens, era necessário força física, resistência para trabalhos pesados, arriscados e sujo. As mulheres desempenhavam os trabalhos considerados leves, fáceis e limpos. Neste sentido, parece existir uma relação no âmbito ético e estético, que associa o trabalho feminino à submissão e o trabalho masculino à força física, à coragem e ao trabalho sujo, definindo a virilidade ou a masculinidade. Não obstante, as delimitações da feminilidade e da masculinidade são móveis e esses atributos podem ser alterados, dissipando a resistência masculina e fazendo as mulheres realizarem tarefas árduas, pesadas e até prejudiciais à saúde, como nas indústrias têxteis.

PESQUISAS INTERNACIONAIS - GÊNERO E TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL

As buscas foram feitas no Google Acadêmico, Web of Science e Scopus, utilizando as palavras-chave woman(en) and construction industry or construction sites; gender and construction industry. Foram selecionadas pesquisas empíricas que abordassem mulheres atuantes na construção civil, em diferentes países. O Quadro 1 apresenta a comparação dos estudos, datados de 2000 a 2019, separados em grandes temas.

Nos Estados Unidos, a pesquisa de Bird (1999) teve enfoque na ocupação de carpintaria. Foram entrevistadas 20 carpinteiras atuantes no setor e 15 mulheres e 16 homens candidatos em um programa de aprendizagem em carpintaria. As mulheres enfrentavam problemas para conseguir emprego na construção e falta de oportunidades. Alguns empreiteiros também foram entrevistados e alegaram que as mulheres não conseguiriam se adaptar ao ambiente da construção devido à cultura masculinizada, além da intensidade do trabalho e a necessidade de força física. Um representante da instituição que forneceu os cursos de carpintaria afirmou que não contrataria mulheres, pois elas não dariam conta do trabalho pesado. As mulheres relataram isolamento no ambiente de trabalho, desrespeito por parte dos colegas homens, assédio sexual e até racismo. Outras mulheres afirmaram que eram designadas às atividades de limpeza ou que requeriam organização.

Bagilhole, Dainty e Neale (2000) entrevistaram 41 mulheres e 41 homens que trabalhavam na construção civil no Reino Unido. Metade das mulheres reconheceram as práticas de assédio e discriminações de gênero como intrínsecas ao trabalho no setor. Elas relataram dificuldades para progredir na carreira, sobretudo por falta de oportunidades. Uma engenheira contou que passou a ser difamada pelos colegas após ser promovida. Um gerente relatou que exigiu à engenheira que se retirasse do canteiro, pois estava com roupa inapropriada.

Algumas mulheres afirmaram que eram designadas para funções de baixa complexidade, ao passo que outras disseram que eram submetidas constantemente à exaustão.

Quadro 1 – Comparação de pesquisas empíricas internacionais sobre gênero e trabalho na construção civil.

Temas	Pesquisas empíricas
Hierarquização das tarefas	Bagilhole, Dainty e Neale (2000)[Reino Unido]; Agapiou (2002)[Escócia]; Arslan e Kivrak (2004)[Turquia]; Hossain e Kusaabe (2005)[Tailândia e Bangladesh]; Barnabas, Anbarasu e Clifford (2009)[Índia]; Barreto <i>et al.</i> (2017)[Peru]; Ibáñez (2017)[Espanha]; Jayaram, Jain e Sugathan (2019)[Índia].
Separação das tarefas	Byrd (1999)[EUA]; Agapiou (2002); Arslan e Kivrak (2004); Hossain e Kusaabe (2005); Barnabas, Anbarasu e Clifford (2009); Barreto <i>et al.</i> (2017); Jayaram, Jain e Sugathan (2019).
Assédio	Byrd (1999); Bagilhole, Dainty e Neale (2000); Hossain e Kusaabe (2005); Jimoh <i>et al.</i> (2016) [Nigéria]; Ibáñez (2017); Barreto <i>et al.</i> (2017); Sunindijo e Kamardeen (2017) [Austrália]; Curtis <i>et al.</i> (2018) [EUA];
Desconfiança sobre a capacidade técnica das mulheres	Bagilhole, Dainty e Neale (2000); Agapiou (2002); Hossain e Kusaabe (2005); Barreto <i>et al.</i> (2017); Ibáñez (2017).
Dificuldade de acesso ao emprego	Byrd (1999); Hossain e Kusaabe (2005); Barreto <i>et al.</i> (2017); Ibáñez (2017).
Dificuldades para progredir na carreira	Bagilhole, Dainty e Neale (2000); Barnabas, Anbarasu e Clifford (2009); Jimoh <i>et al.</i> (2016); Barreto <i>et al.</i> (2017)
Isolamento das mulheres	Byrd (1999); Bagilhole, Dainty e Neale (2000); Curtis <i>et al.</i> (2018).
Atributos classificados como femininos	Byrd (1999); Agapiou (2002); Barnabas, Anbarasu e Clifford (2009).
Desigualdades salariais	Ibáñez (2017); Jayaram, Jain e Sugathan (2019);
Condições de trabalho prejudiciais à saúde	Arslan e Kivrak (2004); Curtis <i>et al.</i> (2018); Jayaram, Jain e Sugathan (2019).
Transferência da responsabilidade sobre o assédio para as mulheres	Bagilhole, Dainty e Neale (2000); Barreto <i>et al.</i> (2017)
Proibição/restrição de tarefas	Barnabas, Anbarasu e Clifford (2009)

Fonte: elaboração própria a partir de diversas fontes.

Agapiou (2002) entrevistou 11 mulheres e 10 homens trabalhadores(as) da construção na Escócia. Na visão dos homens, as mulheres se encaixavam melhor em atividades de acabamento ou que requeriam mais cuidado, detalhe e organização. Outros afirmaram que as mulheres não possuem muita força física e conhecimentos sobre as atividades da construção e o uso de ferramentas.

Na Turquia, como apontado na pesquisa de Arslan e Kivrak (2004), é comum as mulheres abandonarem o emprego após o casamento, caso os maridos residam em outras regiões. A pesquisa foi feita por meio de um survey com 50 mulheres estudantes de engenharia civil e engenheiras de empresas públicas.

Na Tailândia e em Bangladesh, Hossain e Kusaabe (2005) entrevistaram 80 engenheiras e alguns empregadores e representantes de empresas de construção. As mulheres relataram dificuldades nos processos de recrutamento e contratação. Na Tailândia, as engenheiras desempenhavam principalmente os trabalhos de apoio administrativo. Em Bangladesh, as engenheiras eram responsáveis pelos trabalhos de escritório, enquanto os homens eram direcionados de acordo com sua especialidade. Além disso, as mulheres que trabalhavam em canteiros usavam véu e saíam antes do pôr do sol para evitar ameaças.

Na Índia, Barnabas, Anbarasu e Clifford (2009) entrevistaram 440 mulheres e 440 homens trabalhadores(as) da construção civil no distrito de Tiruchirapalli, e 51 engenheiros e contratantes da região. As trabalhadoras eram proibidas de adquirir habilidades para os ofícios de pedreiro ou outros tipos de ofícios e ingressavam na construção em posições menos remuneradas e permaneciam assim até o final. Para os homens, as mulheres não possuem força física necessária para o trabalho exaustivo de pedreiro. No entanto, as mulheres desempenhavam boa parte dos trabalhos dos canteiros de obra, incluindo carregar materiais pesados, carpintaria e limpeza das obras, mas recebiam remunerações inferiores.

Jimoh *et al.* (2016) evidenciou que a discriminação de gênero, a preferência por outros tipos de trabalhos em detrimento da construção, as responsabilidades familiares e as políticas de recrutamento são fatores importantes que influenciam na baixa presença de mulheres na construção civil nigeriana. A pesquisa foi feita através de questionários com 93 mulheres e 52 empregadores do setor.

No Peru, o estudo de Barreto *et al.* (2017) feito por meio de questionários com 326 homens e 103 mulheres que trabalhavam na construção, indicou as principais barreiras enfrentadas pelas mulheres no setor. Essas barreiras foram sintetizadas em alguns tópicos: mercado de trabalho voltado aos homens; a destinação prioritária das mulheres ao trabalho de escritório; assédio sexual; dificuldade das mulheres para gerir os subordinados; condições de trabalho exaustivas; e as percepções da construção como um ambiente de trabalho muito competitivo e com imagem ruim.

Na Austrália, Sunindijo e Kamardeen (2017) avaliaram a intensidade de doença psicológica relacionada ao trabalho na construção, por meio de questionário com 167 homens e 110 mulheres. A pesquisa mostrou que as mulheres sofrem mais com estresse agudo e ansiedade, além de serem mais suscetíveis à discriminação, assédio sexual e bullying.

Ibáñez (2017) entrevistou 27 mulheres que trabalhavam em canteiros de obra da Espanha. As mulheres apontaram a prevalência do trabalho autônomo ou contratos de curta duração, como fatores que diminuem o poder de negociação com as empresas. Elas também relataram maior desconfiança sobre o trabalho feminino, sobretudo no que se refere às capacidades técnicas das mulheres. Práticas de assédio e até agressões verbais também foram evidenciadas na pesquisa.

Em Curtis *et al.* (2018), na cidade de Washington, foram analisadas as exposições físicas e psicossociais de 198 mulheres e 93 homens que trabalhavam na construção. Os autores observaram taxas mais altas de lesões e estresse para as mulheres, relacionadas sobretudo com discriminação de gênero e de idade, bullying, altos níveis de assédio e isolamento, sobrecompensação de trabalho e desequilíbrio entre a vida pessoal e profissional.

Na cidade de Ahmedabad, no oeste da Índia, um estudo feito por Jayaram, Jain e Sugathan (2019) entrevistou e acompanhou, por sete meses, 100 mulheres migrantes trabalhadoras da construção civil. As mulheres trabalhavam, em média, 17 horas por dia, incluindo o trabalho não remunerado nos espaços da vida privada. Nos canteiros, as mulheres trabalhavam 8 horas em serviços remunerados e meia hora realizando tarefas não remuneradas, como organizar as ferramentas e limpar o local. Elas carregavam cerca de 5,7 mil kg e subiam 480 degraus todos os dias, além de não terem permissão para fazer pausas. As gestantes trabalhavam até o último mês de gestação, retornavam antes de 15 dias após o parto e levavam os bebês recém-nascidos para os canteiros. As mulheres casadas eram contratadas junto com os maridos e recebiam remunerações inferiores, sendo que a gestão financeira era feita pelos homens.

A desvalorização do trabalho feminino reflete-se nas desigualdades salariais, nas desconfianças sobre as capacidades técnicas das mulheres, na dificuldade do acesso ao emprego e na possibilidade de progredir na carreira. Em alguns casos, sobretudo nos países em que as relações patriarcais estão muito presentes nas práticas sociais, como no caso da Índia, em Bangladesh e na Turquia, a divisão sexual do trabalho resultou em relações ainda mais precárias para as mulheres. Em Tiruchirapalli na Índia, as mulheres eram responsáveis por serviços auxiliares de baixa remuneração e eram proibidas de adquirir habilidades para os ofícios de pedreiro. As mulheres migrantes em Ahmedabad, na Índia, eram submetidas a condições exaustivas e prejudiciais à saúde. Na Turquia, é comum as mulheres abandonarem o trabalho após o casamento. Em Bangladesh, as mulheres que trabalhavam em canteiros usavam véu e saíam antes do pôr do sol para não sofrerem ameaças.

GÊNERO E TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL NO BRASIL

As buscas foram realizadas no Google Acadêmico e Scopus, utilizando as combinações das palavras-chave mulher(es) e construção civil; mulher(es) e canteiros de obra; gênero e construção civil; gênero e canteiros de obra. Foram selecionadas as pesquisas empíricas que abordassem mulheres atuantes em canteiros de obra no Brasil. O Quadro 2 apresenta a comparação dos estudos, datados de 2002 a 2017, agrupados em grandes temas.

Fertrin e Velho (2010) analisaram a atuação de mulheres em um mutirão para construção de casas populares em Americana – SP. Durante o processo de construção, incluindo as fases consideradas “pesadas”, as mulheres praticamente trabalharam sozinhas, sem suporte dos companheiros. O trabalho não era remunerado e, por isso, os homens não o reconheciam como tarefa masculina e não se interessavam em aprender. Por outro lado, as mulheres assumiram papel de liderança nas obras, demonstrando a importância que a conquista da casa

própria representava para elas e o papel da construção civil para o desenvolvimento da autonomia feminina.

Quadro 2 – Comparação de pesquisas empíricas sobre gênero e trabalho na construção civil no Brasil.

Temas	Pesquisas empíricas
Hierarquização das tarefas	Cruz (2002); Fertrin e Velho (2010); Silva e Osterne (2014); Romcy e Brites (2014); Jorge (2015); Landerdahl <i>et al.</i> (2015); Oliveira e Yannoulas (2016); Lombardi (2017); Regis <i>et al.</i> (2019).
Separação das tarefas nos canteiros	Cruz (2002); Fertrin e Velho (2010); Romcy e Brites (2014); Silva e Osterne (2014); Jorge (2015); Oliveira e Yannoulas (2016); Regis <i>et al.</i> (2019).
Assédio	Cruz (2002); Jorge (2015); Landerdahl <i>et al.</i> (2015); Lombardi (2017); Regis <i>et al.</i> (2019).
Atributos classificados como femininos	Cruz (2002); Silva e Osterne (2014); Jorge (2015); Oliveira e Yannoulas (2016); Regis <i>et al.</i> (2019).
Remanejamento de funções	Silva e Osterne (2014); Jorge (2015); Oliveira e Yannoulas (2016).
Desconfiança sobre a capacidade técnica das mulheres	Cruz (2002); Fertrin e Velho (2010); Lombardi (2017).
Padrão de comportamento feminino nas obras	Romcy e Brites (2014); Lombardi (2017).
Práticas de resistência das mulheres, expressas em comportamentos opostos aos de submissão	Landerdahl <i>et al.</i> (2015); Regis <i>et al.</i> (2019).
Isolamento das mulheres	Romcy e Brites (2014); Regis <i>et al.</i> (2019).
Trabalho na construção como estímulo à autonomia feminina	Fertrin e Velho (2010)
Transferência da responsabilidade sobre o assédio para as mulheres	Regis <i>et al.</i> (2019).

Fonte: elaboração própria a partir de diversas fontes.

Lombardi (2017) discutiu o processo de feminização da engenharia civil em construções habitacionais no Brasil, utilizando resultados de entrevistas com 7 engenheiras e 4 engenheiros civis que trabalhavam no estado de São Paulo, além de uma arquiteta e uma engenheira proprietárias de pequenas empresas de construção e duas dirigentes sindicais. A autora observou que a identidade desses(as) profissionais é construída pela imbricação de um trabalho árduo e explorado, sem remuneração adequada e com práticas de assédio sexual e moral banalizadas em padrões de conduta e relacionamento. As engenheiras passam por um processo de socialização, que envolve a naturalização de práticas machistas, discriminação e desrespeito no ambiente de trabalho. Elas também são alvo de desconfianças, por parte dos chefes, sobre suas capacidades técnicas. No estudo feito por Cruz (2002), feito em três grandes empresas de construção em Aracajú –

SE, as engenheiras também relataram dificuldades para provar sua competência técnica e afirmaram que eram constantemente supervisionadas por homens.

O padrão de comportamento feminino ressaltado por Lombardi (2017) incluía comportamentos de submissão como gentileza, escuta passiva, discrição, boa aparência, controle no tom de voz. Na pesquisa etnográfica de Romcy e Brites (2014), feita em um canteiro de obra no Rio Grande do Sul, esse padrão de comportamento foi observado. A obra era executada por duas engenheiras, uma arquiteta, quatro faxineiras, duas cozinheiras e trinta homens. A arquiteta que fazia a fiscalização da obra e, portanto, rompia com esse padrão de dominação, era tratada de forma desrespeitosa pelos funcionários. Regis *et al.* (2019) entrevistaram 17 trabalhadores(as) da construção civil em Salvador – BA e uma engenheira relatou que passou a adotar postura rígida no trabalho para evitar discriminações. Landerdahl *et al.* (2015) analisaram a história oral de uma pintora em Santa Maria – RS, na qual ela descreve algumas situações de opressão e assédio moral, cometidas por parte de seus colegas e do mestre de obra. A pintora afirmou que era importunada no ambiente de trabalho e seu serviço era desfeito propositalmente. Ela passou a adotar postura rígida como forma de resistência.

Silva e Osterne (2014) analisaram as relações de gênero e trabalho na construção civil em Fortaleza – CE por meio de entrevistas com 10 trabalhadoras atuantes em canteiros de obra. As autoras observaram que as mulheres eram, em grande parte, responsáveis pelas funções de limpeza ou funções que requeriam destreza e delicadeza, como o rejunte. Em Regis *et al.* (2019), os(as) engenheiros(as) afirmaram que as mulheres eram contratadas prioritariamente nas etapas finais da obra, nos períodos de acabamento, rejuntamento e limpeza. Cruz (2002) observou que as empresas reconheciam o trabalho feminino como cuidadoso e minucioso, e por isso as mulheres eram contratadas para funções administrativas ou de acabamento.

Jorge (2015) entrevistou 17 trabalhadoras e 4 trabalhadores que atuavam em canteiros de obra em Goiânia – GO e Anápolis – GO, com o objetivo de analisar os novos contornos da divisão sexual do trabalho no deslocamento do trabalho feminino para a construção civil. Ela ressaltou que as habilidades manuais das mulheres não são consideradas como qualificações profissionais na construção civil, mas sim como extensão do trabalho doméstico. Neste sentido, a atuação feminina no setor restringe-se às funções de acabamento e limpeza.

Oliveira e Yannoulas (2016) analisaram um programa de qualificação profissional para mulheres na construção civil no Distrito Federal, para verificar em que medida os programas incorporam e reproduzem a divisão sexual do trabalho. Foram realizadas entrevistas com 18 representantes das instituições que desenvolveram o programa e 15 mulheres que realizaram os cursos de qualificação. Os cursos oferecidos pelo programa eram voltados para pintura e assentamento de azulejos. As autoras salientam que os cursos acabavam por reforçar a divisão sexual do trabalho, visto que foram escolhidos baseados em atributos classificados como femininos e que derivam das funções domésticas e reprodutivas. Na percepção dos trabalhadores e gerentes entrevistados em Regis *et al.* (2019), as mulheres são mais cuidadosas, minuciosas, delicadas e detalhistas. Em Silva e Osterne (2014), a maior parte dos(as) trabalhadores(as) entrevistados afirmaram que as mulheres são mais cuidadosas e dedicadas, e sabem desempenhar melhor as atividades de limpeza, emassamento e acabamentos.

Uma prática comum nos canteiros consiste em remanejar as mulheres de uma função para outra, sem remuneração adequada. Em Silva e Osterne (2014), Jorge (2015) e Oliveira e Yannoulas (2016), as mulheres contratadas para o rejunte desempenhavam também boa parte da limpeza das obras. Outra situação destacada nas pesquisas indica o isolamento das mulheres no ambiente de trabalho. As faxineiras e as cozinheiras do canteiro de obra analisado em Romcy e Brites (2014) eram excluídas dos espaços de interação social. A ocorrência de discriminações, desrespeito e assédio foram relatadas em Cruz (2002), Jorge (2015), Landerdahl *et al.* (2015), Lombardi (2017) e Regis *et al.* (2019). Lombardi (2017) evidenciou que a comunicação autoritária, rude e até desrespeitosa, com depreciações e xingamentos é comum nos canteiros de obra. Jorge (2015) observou práticas discriminatórias, piadas e assédio moral e sexual nos canteiros. Algumas mulheres entrevistadas em Cruz (2002) relataram que não se sentiam respeitadas no ambiente de trabalho. Landerdahl *et al.* (2015) trouxeram situações de opressão sofridas por uma pintora, na qual ela era importunada pelos colegas. Em Regis *et al.* (2019), um gerente afirmou que mulheres com boa aparência teriam mais chances de serem assediadas.

As atividades classificadas como femininas estão relacionadas com os trabalhos reprodutivos. As habilidades “femininas” (delicadeza, minúcia, paciência) são estimuladas nas práticas sociais e durante todo o trabalho reprodutivo desempenhado quase exclusivamente pelas mulheres ao longo da vida. Essas habilidades são reconhecidas pelas empresas de construção, mas não são valorizadas como qualificação profissional, fazendo com que as mulheres se concentrem nas funções de limpeza e acabamentos, como o rejunte. A hierarquização se manifesta através da desvalorização do trabalho feminino, no âmbito técnico e socioeconômico, além da dificuldade das mulheres para progredir na carreira e da exclusão no ambiente de trabalho.

GÊNERO E TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL: CONTINUIDADES E MUDANÇAS

A pesquisa apontou a permanência das práticas de assédio e discriminação de gênero na construção civil, além de dificuldades no acesso ao emprego e na progressão de carreira, isolamento no ambiente de trabalho, desigualdades salariais e desconfianças sobre a capacidade técnica das mulheres, especialmente para as mulheres com cargos de comando como as engenheiras. No Brasil, as atividades classificadas como femininas estão relacionadas com os trabalhos reprodutivos, como a limpeza das obras, ou com atividades que requerem habilidades de delicadeza e minúcia, como o rejunte. Nos países em que as relações patriarcais são predominantes, como no caso da Índia, em Bangladesh e na Turquia, ou nas regiões em que prevalecem relações precárias de trabalho, como no caso das mulheres migrantes em Ahmedabad na Índia, os efeitos da divisão sexual do trabalho são ainda mais prejudiciais para as mulheres. Em Tiruchirapalli, na Índia, as mulheres eram responsáveis por desempenhar exclusivamente as atividades secundárias e eram proibidas de adquirir habilidades para outras funções, como os ofícios de pedreiro. Em Ahmedabad, as mulheres migrantes, incluindo as gestantes, eram submetidas a situações desgastantes e insalubres. Na Turquia, é comum as mulheres abandonarem o emprego após o casamento. Em Bangladesh, as mulheres que trabalhavam em canteiros usavam véu e saíam antes do pôr do sol para evitar ameaças.

Nesta perspectiva, a dissertação “Gênero e Trabalho na Construção Civil” discutiu a divisão sexual do trabalho no setor da construção, reunindo dados qualitativos de pesquisa de campo realizada em Goiânia - GO no ano de 2017, e dados da RAIS para o período de 2000 a 2017, comparando com dados nacionais. Os dados do Brasil e de Goiânia mostraram que as mulheres se concentram nas funções administrativas e de limpeza. Os subgrupos ocupacionais que concentraram a participação feminina foram as escriturárias, nas ocupações de auxiliar de escritório e assistente administrativa, e as trabalhadoras dos serviços, nas ocupações de faxineiras. Os homens se concentraram no subgrupo ocupacional dos trabalhadores da construção, que incluem a maior parte das funções dos canteiros, como pedreiros, serventes, pintores, eletricitistas e carpinteiros, além das funções de supervisão como os mestres de obra. A pesquisa também evidenciou que as mulheres receberam, em média, remunerações inferiores em quase todos os principais subgrupos ocupacionais do setor. Não obstante, a diferença entre a remuneração feminina e masculina diminuiu para a maior parte dos subgrupos ocupacionais, no período analisado, indicando tendência de melhora na desigualdade salarial (ROCHA, 2020).³

Os dados qualitativos englobaram entrevistas semiestruturadas com 10 mulheres atuantes em obras de construção de edifícios em Goiânia, nas funções de rejunte e limpeza, além de 5 mulheres que realizaram cursos profissionalizantes para assentadora de revestimento cerâmico e pintora de obras, e questionários com 10 gerentes e representantes de empresas de construção. Nenhuma mulher entrevistada foi promovida de posto, sendo que a maioria delas afirmou sentir vontade de progredir na carreira. As trabalhadoras relataram dificuldades no acesso ao emprego, falta de oportunidades para as mulheres e receio de assédio. Uma pintora afirmou sofrer com risadas e insinuações, por parte dos colegas homens. Em contrapartida, as mulheres afirmaram que realizavam trabalhos autônomos e reformavam as residências dos familiares, ressaltando o trabalho na construção como estímulo à autonomia feminina (ROCHA, 2020).

Os questionários respondidos por gerentes revelaram restrições ao trabalho das mulheres nos canteiros de obra. Um engenheiro afirmou que a empresa só contratava mulheres para a execução da limpeza da obra. Uma engenheira relatou que a empresa não contratava mulheres para serviços pesados. Outro engenheiro confirmou que as mulheres não poderiam se candidatar para todas as vagas nos canteiros. Três gerentes confirmaram a existência de funções específicas para os homens e citaram as ocupações de pedreiro, servente e descarga de materiais. Quatro gerentes confirmaram a existência de vagas específicas para as mulheres e citaram as funções de copeira, rejunte, limpeza e auxiliar administrativa. Na percepção dos(as) gerentes, as mulheres são mais caprichosas, minuciosas, organizadas, atenciosas, cuidadosas, delicadas, pacientes, fáceis de lidar e se comunicam de forma mais clara, ao passo que os homens são mais moles e realizam os trabalhos pesados. Para as trabalhadoras, as mulheres possuem jeito com o trabalho e mais capacidade, são mais delicadas e caprichosas, são responsáveis pela limpeza e rejunte e não conseguem carregar peso, enquanto os homens são mais porcos, desastrados, fazem o rejunte mal feito, mas realizam os trabalhos pesados e podem desempenhar todas as funções dos canteiros (ROCHA, 2020).

Rocha (2020) evidenciou a restrição das tarefas nos canteiros de obra, sinalizando a existência de vagas específicas para os homens e para as mulheres.

As funções específicas para homens eram relacionadas aos trabalhos considerados pesados e as funções específicas para mulheres eram associadas aos trabalhos domésticos ou de acabamentos. As percepções dos(as) gerentes e das trabalhadoras refletem as imagens associadas ao trabalho das mulheres e vinculadas aos atributos classificados como femininos. Relegar características de gênero ao sexo biológico e assumir que as mulheres são delicadas, pacientes e minuciosas, consiste em um mecanismo de reprodução da divisão sexual do trabalho e esconde os condicionantes que incidem sobre as mulheres para desenvolverem essas habilidades. Além disso, os atributos "femininos" não são reconhecidos e valorizados como qualificação profissional.

Em suma, observamos que, no setor da construção, a hierarquização das atividades ocorre a partir da desvalorização do trabalho feminino no âmbito técnico e socioeconômico. A separação das atividades manifesta-se no predomínio de mulheres nas atividades de limpeza, acabamentos e de escritório, enquanto os homens desempenham quase todas as funções dos canteiros, incluindo as ocupações que requerem o domínio da técnica, como pedreiros e carpinteiros, e as funções de supervisão, como os mestres de obra.

Apesar das desigualdades salariais aparecerem como constantes nos estudos, Rocha (2020) mostrou que as diferenças entre as remunerações femininas e masculinas diminuíram para a maioria dos principais subgrupos ocupacionais da construção, entre os anos 2000 e 2017. Isso indica uma tendência de melhora nas desigualdades salariais, acompanhada do aumento da participação das mulheres no setor. Outros caminhos de mudança apontam para o trabalho na construção civil como instrumento de estímulo à autonomia feminina. Os conhecimentos técnicos apreendidos nos canteiros de obra são aplicados em novas fontes de trabalho e nos próprios espaços da vida privada, como em reformas ou reparos em residências de amigos ou familiares.

Gender and labour in construction industry

ABSTRACT

This research discusses gender and labor relations in construction industry by comparing national and international empirical studies. We observe the characteristics of these relations in several countries (United Kingdom, Spain, Scotland, United States, India, Thailand, Bangladesh, Turkey, Australia, Peru and Nigeria) and in Brazil. The research demonstrates the hierarchization and differentiation of tasks, by the concentration of women in roles that require “feminine” attributes, such as cleaning, finishing work and administrative activities. The hierarchization was observed through depreciation of women’s labor in technical and socio-economic spheres. In the case of Brazil, the transformations highlight the increase in women’s participation in construction sector, trends towards improvement in wage inequality and the role of construction in promoting female autonomy.

KEYWORDS: Gender; Labor; Gender division of labor; Construction Industry.

Género y trabajo en la industria de la construcción

RESUMEN

Este artículo analiza las relaciones entre género y trabajo en el sector de la construcción, a través de la comparación de estudios empíricos nacionales e internacionales. Se observan características de estas relaciones en varios países (Reino Unido, España, Escocia, Estados Unidos, India, Tailandia, Bangladesh, Turquía, Australia, Perú y Nigeria) y en Brasil. La investigación demuestra la jerarquización y separación de tareas, con la concentración de mujeres en funciones que requieren atributos “femeninos”, como la limpieza, los acabados y las actividades administrativas. La jerarquización fue observada a través de la desvalorización del trabajo femenino en el ámbito técnico y socioeconómico. En el caso de Brasil, las transformaciones evidencian el aumento en la participación de las mujeres en el sector, tendencias a la mejora de la desigualdad salarial y el papel de la construcción para la promoción de la autonomía femenina.

PALABRAS CLAVE: Género y Trabajo. División sexual del trabajo. Industria de la construcción.

NOTAS

1 Este trabalho faz parte da dissertação “Gênero e Trabalho na Construção Civil” desenvolvida por Manuela Rocha e orientada pela Profa. Dra. Leda Gitahy. A dissertação foi defendida no ano de 2020, no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de mestra em Política Científica e Tecnológica. A pesquisa teve início em 2017, durante a graduação em engenharia civil e contou com entrevistas semiestruturadas com trabalhadores(as) e gerentes de empresas de construção de edifícios no município de Goiânia - GO. No ano de 2018, a pesquisa teve continuidade no mestrado utilizando a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e comparando dados do Brasil com dados de Goiânia, entre os anos 2000 e 2017.

2 Os dados da RAIS foram gerados para o setor da construção (seção F) na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) de 1995, para possibilitar a comparação com o ano de 2000.

3 Os dados da RAIS para o município de Goiânia foram comparados com dados do Brasil, considerando o subsetor de construção de edifícios.

REFERÊNCIAS

AGAPIOU, Andrew. Perceptions of gender roles and attitudes toward work among male and female operatives in the Scottish construction industry. **Construction Management and Economics**, London, v. 20, n.8, p. 697-705, 2002.

ARSLAN, Gökhan; KIVRAK, Serkan. The lower employment of women in Turkish construction sector. **Elsevier: Building and Environment**, v. 39, p.1379-1387, 2004.

BAGILHOLE, Barbara; DAINY, Andrew; NEALE, Richard. Women in the construction industry in the UK: a cultural discord? **Journal of Women and Minorities in Science and Engineering**, New York, v. 6, p. 73-86, 2000.

BARNABAS, Annette.; ANBARASU, D. Joseph.; CLIFFORD, Paul. A Study on the Empowerment of Women Construction Workers as Masons in Tamil Nadu, India. Bridgewater State University: **Journal of International Women's Studies**, Bridgewater, v. 11, n.2, p. 121-141, 2009.

BARRETO, Urpi. *et al.* Barriers to the professional development of qualified women in the Peruvian construction industry. **Journal of Professional Issues in Engineering Education and Practice**, v. 143, n. 4, p. 05017002, 2017.

BYRD, Barbara. Women in Carpentry Apprenticeship: A Case Study. **Labor Studies Journal**, v.24, n.3, p.3-22, 1999.

CRUZ, Maria Helena. A difícil equidade de gênero no cotidiano do trabalho na construção civil. **TOMO**, São Cristóvão, n.v. 2002.

CURTIS, Hannah. *et al.* Gendered Safety and Health Risks in the Construction Trades. Oxford University Press: **Annals of Work Exposures and Health**, Oxford, v. 62, n. 4, p.404-415, 2018.

FERTRIN, Rebeca; VELHO, Léa Maria. Mulheres em construção: o papel das mulheres mutirantes na construção de casas populares. **Revista Estudos**

Feministas, Florianópolis, v.18, n.2, p. 352, 2010.

HIRATA, Helena. Divisão – relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. **Em Aberto**, Brasília, MEC/Inpe, v.1, n.65, p.39-49, 1995.

HIRATA, Helena.; KERGOAT, Danièle. Rapports sociaux de sexe et psychopathologie du travail. **Travailler**, v. 37, n. 1, p. 163-203, 2017.

HOSSAIN, Julaikha; KUSAKABE, Kyoko. Sex segregation in construction organizations in Bangladesh and Thailand. **Construction Management and Economics**, London, 23:6, p.609-619, 2005.

IBÁÑEZ, Marta. Women in the construction trades: Career types and associated barriers. **Elsevier: Women's Studies International Forum**, v. 60, p. 39-48, 2017.

JAYARAM, Nivedita; JAIN, Priyanka; SUGATHAN, Sangeeth. No city for migrant women: construction workers' experiences of exclusion from urban governance and discrimination in labour markets in Ahmedabad. **Gender and Development**, London, v.27, n.1, p.85-104, 2019.

JIMOH, Richard. *et al.* Women professionals' participation in the nigerian construction industry: finding voice for the voiceless. **Organization, Technology and Management in Construction: an International Journal**, v. 8, n. 1, p. 1429-1436, 2016.

JORGE, Maria Aparecida. **Deslocamento do trabalho feminino e os novos contornos da divisão sexual do trabalho na construção civil em Anápolis e em Goiânia**. 2015. 177p. Dissertação. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

KERGOAT. Danièle. (2000). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. IN: HIRATA, Helena.; LABORIE, Françoise.; LE DOARÉ, Hélène.; SENOTIER, Danièle (orgs). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

LANDERDAHL, Maria Celeste. *et al.* "Aqui a conversa é profissional, [...] Eu sou pintora!": resistência no canteiro de obra. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.36(esp);, p.31-8. Porto Alegre, 2015.

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras na construção civil: a feminização possível e a discriminação de gênero. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v.47, n.163, p.122, 2017.

OLIVEIRA, Talita; YANNOULAS, Silvia Cristina. Qualificação profissional das mulheres para a indústria da construção civil: entre o enfrentamento e a reprodução da divisão sexual do trabalho. IN: STANCKI, Nanci.; CASAGRANDE, Lindamir, Salete. **Entrelaçando gênero e diversidade: matrizes da divisão sexual do trabalho**. Curitiba: UTFPR editora, 2016.

RAIS. Relação Anual de Informações Sociais - RAIS. Ministério da Economia, 2000 - 2020.

REGIS, Marcela. *et al.* Women in construction: shortcomings, difficulties, and good practices. **Engineering, Construction and Architectural Management**, DOI 10.1108/ECAM-09-2018-0425, 2019.

ROCHA, Manuela. **Gênero e Trabalho na Construção Civil**. Dissertação. Mestrado em Política Científica e Tecnológica, Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, 2020.

ROMCY, Daniela; BRITES, Jurema. As mulheres na construção civil: algumas notas a partir de um trabalho de campo. **Revista Vernáculo**, Curitiba, v.2, n. 1, p.137-164, 2014.

SILVA, Mayra Rachel; OSTERNE, Maria do Socorro. 'Por entre canteiros'- Um estudo sobre a presença das mulheres na construção civil. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**. v.5, n.1, p. 83-97. Ponta Grossa, 2014.

SUNINDIJO, Riza Yosia; KAMARDEEN, Imriyas. Work Stress Is a Threat to Gender Diversity in the Construction Industry. **Journal of Construction Engineering and Management**, v.143, n.q0, p. 04017073, 2017.

Recebido: 17/03/2022

Aprovado: 01/11/2022

DOI: 10.3895/cgt.v15n46.15270

Como citar: ROCHA, Manuela; GITAHY, Leda. Gênero e trabalho na construção civil. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 46, p. 105-119, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

